

## 1. Introdução

O objetivo principal desta dissertação é a realização de versões para o inglês de poemas de Hilda Hilst e Adília Lopes. O processo de tradução desses poemas, porém, antecede o início do mestrado. Foi em 2005, em um workshop de tradução poética na SOAS (School of Oriental and African Studies), em Londres. Embora acontecesse na universidade, não fazia parte de nenhum curso regular, e era aberto a qualquer pessoa que desejasse traduzir para o inglês poesia escrita em outras línguas. A cada encontro, um poema era traduzido. Pessoas das mais diferentes origens integravam o grupo, falantes de árabe, russo, espanhol, japonês etc. Quem levasse o poema, apresentava o original junto com uma versão o mais literal possível para o inglês. Conjuntamente, após longas discussões, o grupo estabelecia uma versão final da tradução. A professora Sarah Maguire era responsável pela organização e pela escolha dos poemas a serem traduzidos. Quando chegou a minha vez, enviei para ela duas traduções “literais”, uma de um poema de Hilda Hilst, outra de um poema de Adília Lopes. Embora ela houvesse gostado do poema de Adília, considerou que algo de seu conteúdo poderia ser ofensivo a algumas pessoas do grupo (realmente, era um poema pouco católico). Sendo assim, escolheu o poema de Hilda Hilst. O resultado da tradução obtida pelo grupo não foi de todo insatisfatório. Na verdade, os participantes do workshop gostaram muito do poema traduzido; “Como nunca lemos isso antes?”, perguntavam. De algum modo, o entusiasmo demonstrado por esses primeiros leitores de Hilda em inglês estimulou ainda mais o projeto de traduzi-la.

Em 2008, iniciei o mestrado na PUC-Rio, já com o projeto de fazer versões para o inglês de poemas de Adília Lopes e Hilda Hilst. Logo no primeiro semestre do curso do mestrado tive a oportunidade de fazer o curso sobre tradução de poesia, ministrado pelo professor Paulo Henriques Britto, que é também o meu orientador. Esse curso, sem dúvida, me abriu os olhos. Percebi que a tradução que havíamos feito no workshop em Londres focava apenas as questões semânticas relativas à tradução, não atentando em momento algum ao ritmo e às rimas, que, sem que nós soubéssemos, eram em grande parte responsáveis pela musicalidade e beleza do poema em questão.

No semestre seguinte, participei do curso especial oferecido pelo professor convidado Hans Ulrich Gumbrecht. Esse curso era baseado em seu livro *Productions of Presence – what meaning cannot convey* (2004). Em linhas gerais, o professor propunha que fossemos além da interpretação, da busca de significados, ao lidarmos com objetos estéticos. Que deixássemos a materialidade do objeto estético falar também. Ele propunha um campo não-hermenêutico, que pudesse atentar para a *presença* dos objetos estéticos. Assim, foi possível aproximar essas reflexões daquela atenção aos aspectos formais do poema reivindicada no curso de tradução de poesia.

A leitura de Gumbrecht levou à leitura de Paul Zumthor, teórico da poesia medieval, cujo trabalho está centrado no aspecto performático da poesia. Zumthor apresenta reflexões interessantes sobre a relação entre corpo e poesia. Para destrinchar ainda mais as relações entre som e sentido, foi abordado o conceito de *função poética* proposto pelo renomado linguista Roman Jakobson.

Foram feitas também leituras diretamente ligadas à tradução, buscando teóricos que tivessem a poesia como principal foco. Considerando a importância do trabalho desenvolvido por Haroldo de Campos no contexto brasileiro, seria impossível, e indesejável, escrever uma dissertação de mestrado sobre tradução de poesia que não abordasse o conceito de *transcrição*. Outro teórico abordado é o francês Henri Meschonnic, que dá especial atenção ao *ritmo*, e, ao seu modo, também propõe um campo não-hermenêutico. E, ainda, estão presentes leituras de textos de Paulo Henriques Britto, que oferecem ferramentas para a complexa tarefa de avaliar traduções de poesia.

A dissertação foi estruturada do seguinte modo: Gumbrecht, Zumthor e Jakobson formam a base do capítulo inicial, no qual há um empenho por pensar a poesia dando ênfase ao seu aspecto material.

O capítulo seguinte reúne as diferentes teorias e métodos de tradução, através de Meschonnic, Haroldo de Campos e Paulo Henriques Britto. Além da teoria, há um interesse pelo método tradutório apresentado por cada um, suas respectivas práticas. Considerando que o principal objetivo desta dissertação é justamente a prática da tradução, é interessante explorar o caminho já trilhado por tradutores experientes.

As traduções são apresentadas nos capítulos 4 e 5. O capítulo 4 é dedicado a Hilda Hilst, o capítulo 5 a Adília Lopes. Em cada capítulo, é feita uma introdução às autoras e aos poemas traduzidos. Embora ocorra um diálogo com alguns importantes comentadores, não pretendo dar conta da totalidade da obra de cada autora ou de suas respectivas fortuna críticas, apenas contextualizar as traduções. A seguir, os poemas originais são apresentados, seguidos das versões em inglês. Cada tradução é acompanhada por um comentário que pretende discutir, explicar e explicitar, na medida do possível, os motivos das escolhas tradutórias. A escansão de todos os poemas, originais e versões, pode ser encontrada em anexo.

Ao apresentar as autoras, procuro também explicar o que provocou a vontade de traduzi-las e como entendo a traduzibilidade de cada uma. São versões inéditas, de autoras relativamente canonizadas, reconhecidas no contexto da poesia lusófona. São autoras contemporâneas, mas pertencem a gerações diferentes. Hilda é mais velha, estivesse viva, estaria hoje com cerca de oitenta anos. Adília tem quarenta e nove. Ao propor que sejam traduzidas para o inglês, espero assim criar o caminho para que elas possam alcançar outros territórios. O inglês, língua franca do mundo globalizado, permitirá que elas sejam mais lidas, e não apenas em países de língua inglesa. Haroldo de Campos considera o projeto de transcrição como uma reinvenção da tradição, como instalação de uma relação nova entre passado e presente. Aqui, não se trata de revelar a poesia do passado: é dentro do momento atual que se pretende instaurar novas relações, criar possibilidades de leitura.

E ainda, um breve comentário. De modo geral, é empregada a primeira pessoa do plural no decorrer da dissertação. Há, no entanto, alguns momentos que fogem à regra (a introdução, uma pequena parte do segundo capítulo e outro pequeno trecho no capítulo sobre Adília Lopes). Por tratarem diretamente de assuntos ligados à trajetória pessoal, foi preciso passar à primeira pessoa do singular.